

LEVANTES

UM POVO, UMA MINORIA SE
LEVANTA QUANDO SE VÊ EM
UMA SITUAÇÃO EXTREMA E
INSUPORTÁVEL, OU QUANDO
ENXERGA COM MUITA CLAREZA UM
GRANDE PERIGO À FRENTE, UM
PERIGO EXTREMO: O EXTERMÍNIO,
A QUEDA DO CÉU, O FOGO E A LAMA
DO ANTROPOCENO.

Déborah Danowski

19 de abril de 2023

Agradeço imensamente o convite para estar aqui hoje junto de todos vocês, comemorando os 80 anos do Levante do Gueto de Varsóvia. Minha “tarefa”, no entanto, pode soar estranha, ao menos em uma primeira aproximação. Há levantes para serem celebrados, os quais, ainda quando terminam em morte e extermínio dos corpos daqueles que se levantam, continuam existindo, permanentemente acontecendo e reacontecendo, inspirando e des-diminuindo o mundo de muitas maneiras. Mas o que dizer do levante da Terra, esse acontecimento que os cientistas da Terra chamam por esse nome, enganosamente celebratório, de Época Geológica do Antropoceno, e que outros preferem chamar de intrusão de Gaia, ou ainda de Capitaloceno, ou, mais simples e brutalmente, de colapso ecológico global — talvez de fim do mundo?

Quando a Casa do Povo sugeriu que eu falasse sobre o levante do planeta, eu me encantei com

a ideia. Não deixa de ser um conforto pensar no que estamos vivendo como um grande levante. Um levante da Terra seria como se cada seca severa, cada incêndio florestal, tempestade ou chuva torrencial, o próprio superaquecimento do planeta, tivesse, afinal, um sentido maior que o de nossas pequenas vidas ou da humanidade como um todo. Estaríamos sofrendo as consequências do que plantamos, mas algo melhor surgiria daí, talvez não para nós humanos, mas, com sorte, para as outras espécies. A Terra, a vida ressurgirá.

Mas então nos lembramos que muitas outras espécies estão sendo extintas. Nos lembramos que a espécie humana tem mais de 200 mil anos e o capitalismo industrial, menos de dois séculos. Que o Antropoceno¹ teve início no pós-guerra e não estamos, portanto, falando de um destino inexorável. Que a maior parte dos membros de nossa espécie, justamente aqueles que estão sendo os primeiros a sofrer as piores consequências do colapso em curso, e com menos meios de resiliência, são os que menos contribuíram para ele, são

1. N.A.: Nome que, entretanto, acaba de ser oficialmente rejeitado pela Subcomissão de Estratigrafia Quaternária da União Internacional de Ciências Geológicas (Março, 2024).

os menos “culpados”, por assim dizer. Se houvesse um levante do planeta, da Terra ou mesmo de Gaia contra “os humanos”, parece que não teríamos muito a comemorar.

Mas, é claro, não é nosso planeta que está se levantando, pois ele continuará seu curso de bilhões de anos, não para sempre, mas por muito mais tempo ainda, quer estejamos aqui ou não. Se queremos acreditar em um levante contra a violência e a destruição — pois são levantes, pequenos ou grandes, que nos fazem acreditar —, precisamos nos perguntar primeiro: quem se levanta? E sobretudo: de que lado estamos nós, enquanto coletivos e indivíduos? De que lado nos colocamos (verbo no passado e no presente), de que lado nos colocaremos quando chegar a hora de defender os povos que resistem contra esse único povo (que se autointitula “a humanidade”), que quer exclusividade para manter e expandir permanentemente seu modo de vida e seus privilégios?

Pois essa hora já chegou. Embora tentem nos fazer desacreditar, muitas terras, muitos mundos nunca pararam de se levantar. Ora, toda terra tem um povo, e todo povo, inclusive um povo nômade, precisa de uma terra, o que é muito diferente de

precisar ser seu dono, cercá-la e tê-la como único proprietário. A própria terra, afinal, o solo, é feita de uma multiplicidade de povos: insetos, fungos, bactérias, vírus, plantas, aves, mamíferos, e também de humanos. Há almas em todo canto, e por isso levante se diz no plural: levantes. A terra preta dos índios é em si um levante, ou muitos levantes. As sementes crioulas são levantes. As baixas tecnologias são levantes. Hoje mesmo, neste exato momento, velhos e novos povos se levantam, em muitos lugares, movidos por diferentes premências.

O ecocídio é uma delas, uma premência, a mais extrema talvez, e não por acaso está em vias de se tornar um crime internacional, estreitamente conectado ao crime de genocídio. A proximidade entre os dois ficou claríssima em nosso país quando, recentemente, veio à tona o genocídio/ecocídio dos Yanomami, fomentado pelo governo passado, embora não seja a primeira vez que isso acontece na terra e ao povo Yanomami. Por isso mesmo, os levantes de diversos povos indígenas no Brasil foram um dos fatos políticos mais importantes na resistência ao governo fascista, cujos efeitos deletérios se fazem sentir violentamente até hoje.

Mas há muitos outros levantes. As ocupações do MST e do MTST, o movimento dos agricultores-experimentadores pela convivência com o semiárido, as mulheres que lideram as comunidades em transição agroecológica, as comunidades quilombolas, os jovens pelo clima, os coletivos de catadoras e cata-

dores — que transformam o lixo da produção em matéria de engendramento —, as greves de entregadores uberizados, as ZADs (Zonas a Defender) e o recente movimento na França chamado “les Soulèvements de la terre”, os zapatistas, que no final deste ano de 2023 comemoram 30 anos de seu próprio levante. E, claro, a Intifada dos palestinos, que, assim como os indígenas e as mulheres, nunca desistiram de se levantar todos os dias.

Por que lembramos e comemoramos um levante, como foi o do gueto de Varsóvia? Para que ele não morra, para que ele continue existindo, inspirando outros, outros povos, e também a nós mesmos em outras situações e lugares,

ESTARÍAMOS
SOFRENDO AS
CONSEQUÊNCIAS DO
QUE PLANTAMOS,
MAS ALGO MELHOR
SURGIRIA DAÍ,
TALVEZ NÃO PARA
NÓS HUMANOS,
MAS, COM SORTE,
PARA AS OUTRAS
ESPÉCIES. A TERRA,
A VIDA RESSURGIRÁ.

defendendo outros povos e coletivos, exigindo, combatendo outros inimigos, outros modos de fazerem matar e de morrer. Um povo, uma minoria se levanta quando se vê em uma situação extrema e insuportável, ou quando enxerga com muita clareza um grande perigo à frente, um perigo extremo: o extermínio, a queda do céu, o fogo e a lama do Antropoceno. Catástrofe, Holocausto, *Shoah*, *Nakba*. Com que enorme frequência temos ouvido essas palavras ultimamente. Ecocídio, genocídio. É contra todas elas que se dizem: Levante, *Mered*, Intifada.

Daqui a 20 anos, quando comemorarmos os 100 anos do Levante do Gueto de Varsóvia, quem sabe em que mundo estaremos vivendo? Quem, que povo seremos? De que lado do muro estaremos? Que terra defenderemos? É pensando nessas perguntas que precisamos hoje repetir: nunca mais!

Déborah Danowski é filósofa e professora emérita da PUC-Rio.

Organização e edição **Ana Druwe**

Revisão **Lucas Gaspar**

Projeto gráfico **Laura Daviña e Livia Viganó**

Impressão **Parquinho gráfico**

Agradecimentos **N-1 edições**

ISBN 978-65-997864-2-6



LEVANTES reúne os discursos das comemorações do Levante do Gueto de Varsóvia na Casa do Povo.

No dia 19 de abril de 1943, judias e judeus se levantaram contra o exército nazista no último gueto estabelecido na Polônia. Morreram lutando em vez de serem levados aos campos de concentração. A data nunca deixou de ser lembrada na Casa do Povo, performada a cada ano clamando por novas formas de resistência e resiliência. Os textos que compõem a série documentam como também circulam outros levantes em curso. É criando solidariedades que a faísca do Levante do Gueto de Varsóvia permanece acesa.

casadopovo.org.br

Distribuição gratuita

Contribua com um pix no valor de sua escolha para garantir as próximas impressões →

realização



CASA
DO POVO

PAR
QUINHO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO